

'Washington Post': dívida do Brasil depende dos EUA

Em editorial publicado ontem, o jornal americano "Washington Post" afirma que a solução para a dívida externa brasileira terá que partir "não dos técnicos que dirigem o FMI, mas sim dos políticos que dirigem o Governo dos Estados Unidos".

Para o "Washington Post", o fator crucial, atualmente, é a recuperação econômica dos países do Hemisfério Norte e, particularmente, dos Estados Unidos. Se não houver recuperação, diz o jornal, "não haverá austeridade para com o Sul, por maior que seja, que possa tornar possível o pagamento das dívidas".

E o seguinte o editorial do "Washington Post":

"As negociações sobre a dívida externa brasileira levantam dúvidas sobre as quais os americanos precisam pensar cuidadosamente. No inverno passado, o Fundo Monetário Internacional concedeu um empréstimo ainda maior para permitir ao Brasil manter suas linhas de crédito abertas e evitar o não-pagamento dos empréstimos anteriores. Mas com a condição de que fosse imposta uma política de rigorosa austeridade à economia brasileira. Em maio, ficou evidente que o Brasil não estava alcançando as metas e o FMI congelou o ulterior acesso ao empréstimo. Não é uma questão de má-fé e pode-se argumentar que as metas eram, de saída, pouco realistas. As atuais conversações são uma tentativa para se chegar a novos termos.

"O FMI sabe que não pode deixar que se desmoralize o princípio das condições obrigatórias. Não pode colocar-se em situação de continuar financiando a mesma política que originou, de início, os problemas dos devedores. Mas, por outro lado, também não pode exercer uma pressão tão forte em favor do princípio que incite a uma revolta no Brasil — onde o desemprego já é grande.

"As questões centrais, aqui, não são as esotéricas negociações financeiras. A fim de poder pagar suas dívidas aos bancos americanos e europeus, o Brasil e outros devedores latino-americanos precisam estar aptos a venderem nos mercados americano e europeu. Uma rigorosa administração dos assuntos fiscais

internos do Brasil et al., é altamente desejável. Mas o fator crucial é a recuperação econômica que agora está começando nos Estados Unidos e — não tão certamente — na Europa Ocidental. Com um grande e constante crescimento, os países ricos absorverão as exportações latino-americanas em grande volume, e possibilitarão aos devedores latino-americanos saírem do buraco, pagando suas dívidas sem grandes dificuldades. Mas se tal índice de crescimento não ocorrer no Hemisfério Norte, não há austeridade para com o Sul, por maior que seja, que possa tornar possível o pagamento das dívidas.

"Convém lembrar que essas dívidas tiveram sua origem na primeira crise do petróleo, há uma década. E foi porque os países latino-americanos pediram empréstimos para manter suas economias se desenvolvendo que continuaram a comprar as exportações americanas — uma importante contribuição à prosperidade americana durante a última década. Esse processo também funciona ao contrário. Se as economias latino-americanas forem agora forçadas a uma supraausteridade, não serão lá muito boas freguesas da América do Norte. Os dólares que o Brasil tem de destinar ao serviço da dívida são dólares que não pode gastar com exportações americanas. Essa é mais uma razão para os americanos examinarem com mais cuidado os prazos dessas dívidas.

"Esses prazos têm implicações no que se refere aos empregos nas fábricas americanas.

"O que é inquietante acerca das atuais negociações sobre a dívida é que se tornaram um processo de ir fazendo remendos, aqui e ali, evitando o desastre, mas seguindo planos que dependem de índices de crescimento um tanto improváveis, no mundo industrializado. É preciso algo mais sólido, e que dê mais esperanças. Isso exigirá a liderança política do mais rico dos países ricos, e que terá de partir não dos técnicos que dirigem o FMI, mas sim dos políticos que dirigem o Governo dos Estados Unidos".